

CONVERGÊNCIA X DIVERSIDADE:

Repensando a qualidade das notícias na TV

Copyright © 2012
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

BEATRIZ BECKER
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO: A maior participação das audiências, a hibridização de gêneros e formatos e a transmedialidade são as principais características dos processos de comunicação na atualidade. A convergência influencia a prática jornalística e impõe novos modos de fazer e pensar o telejornalismo. Os noticiários televisivos ainda são os produtos de informação de maior impacto no mundo global, mas as atividades de ver TV e acessar a internet estão cada vez mais misturadas. O objetivo deste estudo é identificar efeitos de usos das ferramentas digitais na construção das notícias, questionar se essas mudanças contribuem para um jornalismo audiovisual de maior qualidade e para relações mais dialógicas com os telespectadores e usuários, a partir de um estudo de reportagens do telejornal local RJTV e do portal de notícias G1, produtos do maior grupo privado brasileiro de comunicação, as organizações Globo. Este trabalho foi apresentado na seção Journalism and Education Research (JRE), International Association of Communication and Media Research – IAMCR, Durban, África do Sul, 2012.

Palavras-chave: Convergência. Narrativas jornalísticas audiovisuais. Jornalismo audiovisual de qualidade. Audiências. G1 e RJTV.

CONVERGENCIA X DIVERSIDAD:

Repensando la calidad de las noticias en la televisión

RESUMEN: El aumento de la participación de la audiencia, la hibridación de géneros y formatos y la transmedialidad son las principales características de los procesos de comunicación actuales. La convergencia influye en la práctica periodística e requiere nuevas formas de hacer y de pensar las noticias de televisión. Noticieros de televisión siguen siendo los productos de información de mayor impacto en el mundo global, pero las actividades de ver TV y acceso a internet son cada vez más mezclados. El objetivo de este estudio es identificar los efectos de los usos de las herramientas digitales en la construcción de la noticia, cuestionando si estos cambios contribuyen a un periodismo de mejor calidad audiovisual y más relación dialógica con los espectadores y usuarios, a partir de un estudio de los informes del noticiero local RJTV y del portal de noticias G1, productos de comunicación del más grande grupo privado en Brasil, las organizaciones Globo. Este trabajo fue presentado en la sección Journalism and Education Research (JRE), International Association of Communication and Media Research – IAMCR, Durban, Sudáfrica, 2012.

Palabras clave: convergencia. relatos periodísticas audiovisuales. periodismo audiovisual de calidad. audiencias. G1 y RJTV.

CONVERGENCE VS DIVERSITY:

Rethinking the quality of TV News

ABSTRACT: Wider audience participation, the hybridization of genres and formats, and transmediality, are the main features of today's communication processes. Convergence influences journalistic practice and imposes new ways of doing and thinking about television broadcasting. TV newscasts are still the highest-impact information products in the world. However, watching TV and accessing the internet are activities that are increasingly intertwined. The purpose of this study is to identify effects of the use of digital tools on the construction of the news and to verify whether they contribute to a higher quality audiovisual journalism and to a new way of writing the daily social experience. This study will present the results of a quantitative and qualitative analysis of the news of two vehicles of: the main private Brazilian communication group: Globo; the local television newscast RJTV; and the news portal G1. This paper featured in the Journalism Research and Education section, at the International Association of Media and Communication Research- IAMCR, Durban, South Africa, 2012.

Keywords: Convergence. Audiovisual journalistic narratives. Audiovisual quality journalism. Audiences. G1 and RJTV.

Introdução

Os mutantes e dinâmicos processos de comunicação em curso gerados pela convergência das mídias e pelos usos e apropriações das ferramentas digitais têm provocado inquietações expressas nas pesquisas sobre diferentes gêneros e linguagens na atualidade, inclusive no jornalismo. Vivencia-se uma emergente cultura participativa na qual a produção de todos os membros participantes alimenta e contribui de alguma forma para a conexão social entre as pessoas (JENKINS, 2008; JENKINS et al, 2009). No século XXI, o conceito de escritura está se redefinindo profundamente em função da centralidade das tecnologias, dos sistemas de comunicação e das apropriações das ferramentas digitais. Observa-se a emergência de uma pluralidade de textos que circulam em diferentes suportes e com uma escrita não sequencial, a qual funciona como “uma montagem de conexões em redes, que, ao permitir exigir uma multiplicidade de percursos, transforma a leitura em escrita” (MARTIN-BARBERO, 2011, p. 132). Desse modo, a configuração geográfica do texto organiza cada vez menos a atividade do leitor e demanda que sua atitude seja cada vez mais ativa, o que pode resultar em relações mais dialógicas entre a produção e a recepção (CERTEAU, 1996; FLUSSER, 2010). Além disso, o próprio fato de a tela do vídeo ou do computador ser um meio menos restringido por convenções linguísticas, no qual o discurso verbal não carrega as mesmas regras e determinações da imprensa escrita, “faz dela o suporte e o instrumento mais adequados para uma reinvenção dos atos da escritura e da leitura” (MACHADO, 2003, pp. 219-220). Caminhamos, portanto, para uma escrita interativa com uma nova forma de linguagem multimídia em gestação, o que implica também repensar o valor da oralidade e das vozes presentes e ausentes em um determinado discurso nos processos de comunicação¹, cujos efeitos – como fenômeno cultural e político – ainda são difíceis de mensurar, inclusive nas práticas e nos estudos jornalísticos.

Verificam-se, também, mudanças nas rotinas produtivas e nos modos de elaborar as notícias. Embora, enquanto assistimos aos movimentos de integração das redações (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2009; DOMINGO et al, 2007), ainda sejam poucos os portais de notícias que incorporam recursos multimídia na construção dos seus relatos nos sites de informação brasileiros. Quanto aos conteúdos e formatos jornalísticos em áudio e vídeo, têm sido elaborados em linguagens e modelos híbridos de produção, circulação e

consumo de informação, aqui nomeados práticas de jornalismo audiovisual porque, nesse momento, ainda se observa um processo de influência mútua na construção das narrativas dos telejornais e do webjornalismo audiovisual (BECKER, 2009; BECKER; LIMA, 2007; BECKER; TEIXEIRA, 2009b; BECKER; MATEUS, 2011). Nesse sentido, se os usos das ferramentas digitais na televisão e na internet proporcionam aos cidadãos não só a possibilidade de interagir com os textos, mas de produzir informações além de outros sentidos e representações sobre a experiência social cotidiana, nem sempre essas apropriações geram narrativas jornalísticas audiovisuais mais diversas do cotidiano social nas coberturas nacional e mundial (BECKER; MALDONADO, 2011; BECKER; MATEUS, 2010; BECKER; TEIXEIRA, 2009a).

Neste trabalho, os principais objetivos são verificar se a atual mistura de linguagens e suportes na elaboração das notícias locais tem, realmente, proporcionado um jornalismo audiovisual de maior qualidade (BECKER, 2009) e identificar os modos como são estabelecidas as relações com as audiências nesses processos de comunicação incrementados pela convergência na experiência da cultura participativa. Questiona-se, nesse caso, se a convergência tem, efetivamente colaborado para a produção de relatos jornalísticos mais plurais e para interações mais dialógicas entre jornalistas e os telespectadores e usuários, por meio de uma análise comparativa da produção noticiosa televisiva e da web, especificamente de reportagens do telejornal local RJTV (1ª edição) e do G1 (o portal de notícias da Globo, disponível em: <http://g1.globo.com/>), produtos do maior grupo privado brasileiro de comunicação.

Em relação às referências utilizadas nesta análise qualitativa e quantitativa, reúnem contribuições da Teoria Crítica dos Discursos, dos Estudos Culturais, da Análise Televisual, da Media Literacy e das Teorias de Jornalismo, não apenas os estudos sobre jornalismo participativo², mas também os de newsmaking. Nesse sentido, Traquina (2005) revela que nos estudos de agenda-setting a identificação dos critérios de noticiabilidade constituídos por valores-notícias, utilizados pelos jornalistas na escolha dos acontecimentos e na elaboração das notícias, ganhou projeção expressiva nas investigações realizadas nas últimas décadas. Esses critérios também são relevantes para a avaliação das referidas narrativas jornalísticas audiovisuais na televisão e na web, como o de visualidade (TRAQUINA, 2005), o qual associado ao fator da tematização (VILCHES, 1995) -

uma forma de seleção que promove a atenção e o interesse público sobre alguns temas e valores em detrimento de outros – é adotado como diretriz importante nesta investigação.

Já a pesquisa empírica é realizada em três etapas: a descrição dos dois produtos jornalísticos estudados, a análise do material audiovisual e a interpretação (BECKER, 2012a). Nesse percurso, são considerados três aspectos relevantes para alcançarem-se os resultados pretendidos: identificação das porcentagens e origens de conteúdos audiovisuais disponibilizados no G1; avaliação da divisão por editorias das matérias veiculadas tanto no telejornal quanto no site, observando os principais formatos de notícias, temas abordados e espaço concedido para conteúdos produzidos pelos telespectadores e usuários; e análise dos modos de participação da audiência no RJTV 1ª edição e no G1.

O corpus, por sua vez, é formado por 14 edições gravadas do noticiário televisivo, veiculadas de 15 a 31 de outubro de 2011, reunindo quase 9 horas de material audiovisual e pela produção noticiosa audiovisual do portal G1. Quanto à busca, foi feita por editoria, a do Rio de Janeiro (disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/>); e por data, indicando no site o período específico. Porém, a reflexão crítica aqui proposta demanda repensar também as noções de diálogo e discurso, assim como a televisão e o jornalismo participativo para um maior aprofundamento.

1. Um celeiro de ideias e reflexões

A comunicação humana e os processos de significação, para Flusser (2007), são uma luta pela sobrevivência da espécie, por meio da acumulação de informações adquiridas de geração em geração que, nas sociedades complexas, já não são guardadas apenas nas memórias individuais, mas depositadas em suportes fora do corpo humano, como os livros ou os bancos de dados virtuais. E, para produzi-las, os homens trocam diferentes informações disponíveis, na esperança de sintetizar uma nova informação.

Essa é a forma da comunicação dialógica. Todavia, para existir o diálogo, as informações de discursos anteriores precisam estar disponíveis para ambos os participantes. Cada diálogo pode ser considerado uma série de discursos orientados pela troca. E aqui se compreende que o discurso é moldado e restringido pela estrutura social, mas, ao mesmo tempo, contribui para constituir

todas as dimensões dessa estrutura; é uma situação na qual lutas pelo poder são travadas e podem também ser reveladas. É também um modo de representação e significação do mundo e uma forma de ação em que as pessoas podem agir sobre as relações sociais e sobre os outros (FAIRCLOUGH, 2001). Cada discurso pode, desse modo, ser considerado parte de um diálogo. Desse modo, o diálogo e o discurso estão implicados um no outro.

Sob essa ótica, participar de um discurso como uma prática social de disputa de sentidos, em que o leitor exerce um papel ativo colaborando para a mudança ou para a conservação social, é diferente de participar de um diálogo. Nunca antes na história da civilização a comunicação funcionou de forma tão extensa e intensa como hoje. Porém, talvez, nunca tenha havido tantos momentos em que o acúmulo de informações não resulte em diálogos, na construção de novas informações por meio da troca e do conhecimento ou em percepções mais diversas e plurais do cotidiano social; prevalecendo, ao contrário, discursos dominantes que tornam o diálogo muitas vezes impossível ou desnecessário porque tendem a tornar-se redundantes (FLUSSER, 2009). No entanto, se o homem, individualmente, passa a ser incapaz de criar informações novas, emerge um novo significado de “criatividade” na produção dialógica de informações na atual transição de uma cultura alfabética para novas formas de vida e de pensamento processadas por códigos digitais (FLUSSER, 2009).

De fato, o diálogo como perspectiva de busca da verdade e do conhecimento sempre foi questão relevante desde a Grécia antiga. Bakhtin (2002) explica que o diálogo socrático é um gênero específico que se baseia na concepção socrática da natureza dialógica da verdade, no qual a síncrese e a anácrise eram os dois procedimentos fundamentais³. Afirma, ainda, que o diálogo é a forma mais simples e clássica de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2006), é uma forma de compartilhamento que em uma obra polifônica como a de Dostoiévski pressupõe um grupo de homens cujas vozes ressoam em igualdade de poder, sem que uma domine a outra (BAKHTIN, 2002).

Além disso, essa noção de polifonia discursiva implica um confronto entre discursos sociais mais amplos e é por meio desse confronto que o autor exprime as contradições da época (STAM, 1992). Já o dialogismo, segundo Bakhtin (2002), é o princípio constitutivo da linguagem, que se caracteriza por vozes polêmicas coexistentes em um discurso. Para Stam (1992), toda a obra de Bakhtin gira em torno do eixo do eu e do outro, ou entre muitos “eus” e muitos outros, e o

processo de autocompreensão dá-se por meio da alteridade na troca de experiências, visões e sensibilidades. Assim, o eu constrói-se em colaboração, ainda que esse processo possa ser impedido por forças sociais, porque a linguagem é um campo de batalha social. Além disso, Bakhtin apresenta na sua obra uma filosofia da linguagem que é também uma ética e a base de um método literário de análise. E a linguagem, por sua vez, resulta da interação verbal, cujo produto é a enunciação, a qual não existe fora do contexto socioideológico. Dessa forma, toda enunciação propõe uma réplica e nessa atitude responsiva reside, segundo o autor, a construção do sentido pela relação entre os interlocutores.

Quanto ao romance polifônico, resulta de diferentes vozes sociais que se defrontam ao manifestarem diferentes pontos de vista sem apresentação de uma verdade acabada, o que é possível em função do entendimento da unidade real da comunicação discursiva, o enunciado, um elo na cadeia da comunicação discursiva pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera discursiva (BAKHTIN, 2006). De acordo com Bakhtin, o estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos é de importância fundamental para superar as concepções simplificadas do “fluxo discursivo”, da comunicação, sugerindo que cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são denominados como gêneros do discurso com riqueza e diversidade infinitas.

2. Repensando a televisão

Assume-se, aqui, a definição do conceito de gênero discursivo apresentada por Bakhtin (2006) na análise das interações dialógicas entre a produção e as audiências nesse estudo das narrativas jornalísticas audiovisuais, porque, como propõe Machado (2003) é uma teoria consistente, flexível e adaptável às análises do audiovisual contemporâneo. Como explica este autor, talvez possa parecer um exagero dizer que temos diálogos socráticos hoje na televisão, mas não podemos desconsiderar que as narrativas mediadas pelo rádio e pela televisão, estrategicamente, valorizam o diálogo e a participação do receptor nas suas enunciações, ainda que direcionando e limitando a participação da audiência.

Nesse sentido, Machado (2003) sugere que experimentamos uma segunda fase da oralidade mediada por tecnologia de

gravação e transmissão proporcionadas pelo rádio e pela televisão, considerando que os discursos dos sistemas tecnológicos afetam sensibilidades e consciências. Sem dúvida, a televisão é o meio mais característico da mídia de massa e, segundo Scolari (2009), é a experiência comunicacional mais importante do século XX abordada de diferentes maneiras. Porém, assistimos a uma outra fase da televisão, a hipertelevisión, ou seja, a configuração de uma rede sociotécnica ao seu redor associada à interatividade (SCOLARI, 2009) e, provavelmente, uma terceira etapa da oralidade marcada por interações mediadas pelo computador e pela internet no ambiente virtual.

Além disso, a especificidade da TV já não se encontra agora na extensão linear das histórias, mas em uma expansão em diferentes meios (SCOLARI, 2009). É possível, por exemplo, observar o aparecimento de novos personagens nas séries em uma estrutura cada vez mais polifônica e a tendência a uma mistura de realidade e ficção nas narrativas. Assim, o leitor atual mais ativo seria o que Scolari (2009) chama de consumidor transmidiático, o qual processa e integra representações provenientes com diferentes meios e linguagens, destacando o relevante papel das audiências nos processos de construção de sentidos.

Para Scolari (2009, p. 197) “nasce um novo tipo de consumo televisivo caracterizado por uma recepção fragmentada, ubíqua e assíncrona: um programa diferente em cada tela na mesma hora”. No entanto, o autor reconhece a coexistência, no atual ambiente televisivo, de velhas e novas formas de televisão, no qual também se multiplicam os formatos híbridos. Por isso, os estudos de televisão e de qualquer outro meio de comunicação tornam-se cada vez mais isolados se não forem compreendidos no contexto do ecossistema midiático (SCOLARI, 2009).

Atualmente, a maioria dos conteúdos e formatos noticiosos disponibilizados na rede que incorporam a linguagem audiovisual e os recursos multimídia ainda sofre influências das narrativas televisivas. E a televisão continua sendo a principal fonte de notícias para a maioria dos adultos norte-americanos (58%), embora a internet e as mídias móveis sejam os meios preferidos entre os jovens (PAVLIK, 2011).

No Brasil, não é diferente, uma vez que aqui a TV atinge praticamente todo o território nacional e ainda se consolida no país como a principal fonte de informação e entretenimento para a maioria

da população. Na grade de programação das emissoras de televisão aberta, os telejornais ocupam lugares estratégicos porque constroem a experiência da vida social, vendem credibilidade e atraem recursos financeiros (BECKER, 2005). Além disso, os noticiários televisivos ainda concentram os maiores valores de investimentos publicitários em seus breaks comerciais, inclusive os telejornais locais. Para se ter uma ideia, na veiculação de um anúncio de 30" no RJTV, o telejornal local da maior emissora de televisão aberta brasileira – a Rede Globo, os anunciantes precisam desembolsar R\$ 111.100,00; e no Jornal Nacional, o noticiário de maior audiência no país, precisam pagar R\$ 507.000,00 por uma inserção publicitária com mesmo tempo de duração, o valor de break comercial mais caro da programação⁴.

Quanto à audiência da televisão brasileira, tem apresentado comportamento estável nos últimos cinco anos, reunindo mais da metade dos investimentos publicitários do país, um total de 16,2 bilhões de reais entre janeiro e fevereiro de 2011⁵. Nesse contexto, os telejornais configuram-se como os produtos de informação de maior impacto na sociedade e ainda exercem uma centralidade nos discursos midiáticos contemporâneos (BECKER, 2005).

A partir dessas considerações e das contribuições dos referidos autores, assume-se que, nas pesquisas em Comunicação e no campo do Jornalismo, já não se pode analisar um objeto de estudo na atualidade sem abordar três dimensões distintas e complementares, quais sejam: (1) Avaliar os processos de significação gerados em um meio buscando suas inter-relações com outros meios no ambiente midiático em um determinado contexto socioeconômico e cultural; (2) Considerar tanto a forma quanto o conteúdo das mensagens na compreensão de suas dinâmicas construções de sentidos; e (3) Observar as interações entre produção e recepção.

Este estudo é, portanto, realizado sob essa perspectiva e, para alcançar os resultados pretendidos, os estudos sobre jornalismo participativo são aqui também referências fundamentais.

3. Jornalismo e audiência

Assistimos, ainda, à tendência da passagem do modelo jornalístico de *gatekeeping* – modo de seleção e construção das notícias pelos jornalistas, no apogeu da época da mídia, sem a participação direta das audiências, cujos interesses e reações são subtendidos e presumidos pelos jornalistas – para a prática de

gatewatching na produção das notícias, estabelecendo-se relações mais igualitárias entre jornalistas e leitores - usuários- telespectadores (BRUNS, 2011)6.

Em relação ao aumento explosivo das informações em uma escala mundial, isso demanda aos jornalistas oferecerem também informações sobre informações, interagindo com a curation colaborativa das notícias pelas comunidades de usuários que encontram, compartilham, comentam e também divulgam notícias. Já o esforço coletivo de busca, seleção e construção de notícias em fontes múltiplas, envolvendo uma multidão de usuários com interesses diversos, pode resultar em formas de coberturas jornalísticas de maior qualidade com maior diversidade de temas e um número maior de matérias capazes de despertar percepções mais amplas acerca dos acontecimentos (BRUNS, 2011).

Esses processos têm chamado a atenção dos pesquisadores em jornalismo e seus trabalhos são importantes porque permitem compreender que a incorporação das vozes dos cidadãos na produção noticiosa é realizada de diferentes formas e em distintos níveis de complexidade (HERMIDA, 2011; QUANDT, 2011). Porém, essa prática nem sempre colabora para o exercício do jornalismo de maneira mais plural e para a democracia, tampouco para uma descentralização da escolha das notícias e do modo de abordá-las, uma atividade profissional exercida exclusivamente pelos jornalistas durante décadas.

Com a emergência das tecnologias digitais, os jornalistas passaram a fazer parte de uma grande rede sem o mesmo privilégio ou a mesma hierarquia na seleção, na redação e na difusão de notícias, mas ainda detêm o agenciamento e a autoridade para determinar o que será notícia (HERMIDA, 2011). Nesse sentido, a maioria das oportunidades dos usuários em contribuir com a elaboração de notícias surge no final do processo de suas produções, por meio de comentários ou debates nas redes sociais dos conteúdos que os jornalistas construíram.

De fato, o jornalismo participativo não é um simples fenômeno tecnológico, mas resulta das interações entre os jornalistas e os usuários, e tem a tarefa de proporcionar uma plataforma para as vozes que estão fora da mídia como co-workers. Porém, os jornalistas expressam reservas sobre a participação dos usuários na produção de notícias, mesmo reconhecendo o valor jornalístico de uma audiência mais ativa (HEINONEN, 2011).

Estabelece-se, ainda, uma tensão entre os benefícios de abrir a produção jornalística, a necessidade de preservar a profissão e os poderes dos grandes grupos de mídia. Assim, os estudos do jornalismo participativo apontam que as atuais relações com as audiências desestabilizam o status dos jornalistas e demandam questionamentos sobre o seu exercício e a sua formação profissional. Todavia, a maioria desses estudos concentra-se nas práticas do jornalismo online. Há também uma carência de trabalhos dedicados a investigar como são estabelecidas as relações entre produção e recepção na televisão e nas redações integradas (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2009; RAMOS, 2010). Portanto, a investigação desses processos, por meio da pesquisa empírica, pode contribuir para elucidar essas interações nas narrativas jornalísticas audiovisuais e, especificamente neste estudo, no RJTV 1ª edição e no portal G1, o telejornal local e o site de informações da maior organização empresarial de comunicação brasileira, respectivamente.

4. Um estudo do RJTV e do G1

O G1 e o RJTV são exemplos da aproximação do telejornalismo com a tendência da produção de notícias hiperlocais no ambiente digital produzidas por cidadãos participativos de distintas comunidades (PAVLIK, 2011). O RJTV é um telejornal relevante para a construção de vínculos com a audiência na grade de programação da emissora, interessada em ampliar a audiência, por meio da prestação de serviços para a comunidade e da busca de soluções para problemas enfrentados pelos moradores de diferentes bairros através da denúncia e da cobrança de ações aos poderes públicos, atribuindo ao noticiário o poder de solucionar conflitos em suas mediações.

A implantação de recentes experiências estéticas e técnicas – novos cenários, ritmos de apresentação e edição mais acelerados – influenciadas pelo imediatismo e pela velocidade do fluxo de informações na internet, o incremento de transmissões ao vivo e a incorporação do potencial das ferramentas digitais têm tornado o RJTV, há quase 20 anos no ar, uma espécie de laboratório para os demais noticiários da rede. Além disso, esse noticiário lançou uma das principais novidades do telejornalismo brasileiro local: o quadro Parceiro do RJ, produzido por repórteres-cidadãos de diferentes comunidades, contratados com vínculos temporários pela emissora

e orientados por seus jornalistas. Como define a própria Rede Globo, o Parceiro do RJ “é um quadro do RJTV, que mostra a realidade de diferentes regiões da região metropolitana do Rio sob o ponto de vista do próprio morador. É ele quem apresenta o lugar em que vive, com um olhar que só ele tem, produzindo conteúdo para o telejornal7”.

Esse projeto nasceu na sucursal do Rio de Janeiro, mas já foi e continua a ser incorporado por telejornais da emissora em outras cidades do país. Esse quadro permite à audiência uma mobilidade simbólica: a passagem do lugar de recepção para o de produção. Em pesquisa anterior (BECKER, 2012b), foi possível constatar que as reportagens colaboram para uma percepção mais expandida da geografia do Rio de Janeiro, das condições socioeconômicas e culturais do estado e da população de diferentes municípios, propondo uma abordagem menos preconceituosa dos moradores de favelas. Nessa perspectiva, em alguns momentos, suas aspirações são legitimadas por meio de depoimentos que expressam suas reivindicações e seus direitos, uma vez que os parceiros do RJ mostram mais de perto os problemas de suas comunidades. Porém, suas identidades ainda são difusas na tela da TV oscilando entre aprendizes de repórteres e ativos representantes dos moradores. Por conseguinte, essas identidades ficam diluídas no corpo do telejornal porque o discurso do noticiário televisivo valoriza mais a si mesmo como ator social principal e a necessidade de sua existência do que a população no exercício de suas mediações.

Quanto à forma e ao conteúdo das reportagens, há pouca inovação, seguindo o mesmo modelo do jornalismo regional emissora. A maioria dos depoimentos ainda restringe o cidadão ao papel da vítima desamparada, atribuindo à população uma fragilidade de enunciação capaz de ser superada apenas pela intervenção da TV como um poder suprainstitucional e de inquestionável credibilidade. Por conseguinte, os modos como as enunciações são trabalhadas nas reportagens dos parceiros do RJ e em outras matérias do RJTV sustentam que o estabelecimento de uma cumplicidade com a televisão e de um vínculo com o telejornal são as únicas chances das pessoas menos favorecidas economicamente poderem conquistar a cidadania.

Já no G1, a possibilidade de envio de sugestões de pauta, textos, e/ou fotos e imagens em movimento pela internet e, especialmente, a publicação de vídeos produzidos por usuários –

telespectadores valorizam o portal, um dos mais acessados do país⁸. Nesse caso, Vc no G1 (disponível em: <http://g1.globo.com/vc-no-g1>) é a editoria dedicada a receber e disponibilizar as contribuições dos usuários. No entanto, os colaboradores são convocados para contribuir sob condições que privilegiam o envio de textos bastante curtos, e, preferencialmente, de breves registros de flagrantes, como é possível observar na chamada da editoria publicada no próprio site⁹.

Observa-se, portanto, que a possibilidade de participação dos usuários na elaboração das notícias é bastante limitada. Assim, o que o site chama de “sua notícia” são apenas postagens de fotos ou fragmentos audiovisuais de acontecimentos desacompanhados de informações e interpretações capazes de agregar a esses registros ângulos e abordagens mais plurais dos fatos sociais. Muitas vezes, esses breves registros são, inclusive, inseridos sob determinados enquadramentos nas notícias construídas pelos próprios jornalistas, seja na televisão, seja no portal, apenas como material ilustrativo de suas narrativas.

Nos telejornais, essas contribuições dos telespectadores são identificadas como imagens de cinegrafistas amadores, porém os nomes dos produtores desses registros não são creditados. Já nos portais, são referidos apenas como “leitor”, “internauta” e/ou “morador” sem a identificação de sua função social. Desse modo, o valor dos conteúdos e formatos colaborativos em vídeo na elaboração das notícias é esvaziado, ainda que as ferramentas digitais disponíveis pudessem ser utilizadas em outras direções, mais autorais e opinativas.

Para se ter uma ideia, entre 15 e 31 de outubro de 2011 apenas dois vídeos colaborativos¹⁰ foram disponibilizados. Quanto aos comentários publicados, são assinados, contudo, grande parte não tem valor informativo e outros consistem em convites para a equipe de reportagem registrar um determinado acontecimento a fim de tentar solucionar problemas de distintas comunidades, como aliados da população na defesa de seus direitos frente ao descaso de autoridades.

Na sessão “saiba mais” são reunidos conteúdos complementares às matérias publicadas, a maior parte formada por convites para participar da editoria “Vc no G1”, fotos sem legendas, reportagens veiculadas anteriormente nos telejornais da Rede Globo de Televisão – empresa do mesmo grupo de mídia – ou apenas

imagens dessas mesmas reportagens sem áudio.

Além disso, a utilização de recursos multimídia é rara. Em uma reportagem sobre a implantação de corredores exclusivos para a circulação de ônibus na zona sul da cidade¹¹, por exemplo, há uma chamada na seção “saiba mais” “para o link de uma outra reportagem publicada no portal alguns dias antes que, por sua vez, traz um link para o “mapa completo” das linhas de ônibus que iriam circular nas faixas preferenciais¹². Porém, ao clicar neste link¹³, só podemos observar um folheto produzido pela própria prefeitura. De fato, a maioria das notícias disponibilizadas no G1 não utiliza o vídeo e a maior parte das reportagens que utiliza a linguagem audiovisual é originária dos noticiários televisivos.

No período analisado, das 611 matérias disponibilizadas pelo portal, apenas 224 são publicadas em vídeo, sendo que 137 consistem em reportagens do telejornal RJTV, o que corresponde a 61% da produção audiovisual desse site de notícias. Os outros telejornais da emissora contribuem com 36% do conteúdo audiovisual, um total de 80 vídeos, e o portal produz apenas 3% de conteúdo original, apenas sete vídeos. Assim, o RJTV não apenas contribui com a maior parte da produção local, como ainda produz uma espécie de agendamento sobre a produção de notícias locais no ambiente digital, em acordo com as análises qualitativa e quantitativa realizadas.

Desse modo, é possível perceber uma tendência do G1 em hierarquizar as editorias e os temas abordados no portal da mesma maneira que as notícias são produzidas na televisão. O quadro Parceiro do RJ e a editoria Vc no G1 são, por sua vez, os ambientes nos quais a participação da audiência manifesta-se de maneira mais expressiva nesse site de notícias. No entanto, observa-se que as reportagens dos parceiros do RJ representam menos de 2% dos conteúdos do site e no RJTV essa porcentagem é quase quatro vezes maior, ainda que represente menos de 10% do conjunto das matérias veiculadas nesse telejornal.

5. A quebra de um mito

Este estudo sobre a produção local de notícias do telejornal RJTV e do portal G1 revela que a constante convocação dos telespectadores para participar da elaboração das notícias não tem contribuído para a construção de narrativas jornalísticas audiovisuais de maior qualidade. Os conteúdos e formatos noticiosos veiculados

na TV e disponibilizados na internet tendem a ser mais uniformes e resultam mais de uma tentativa de driblar a diminuição de lucros “formando equipes mais flexíveis e enxutas capazes de produzir conteúdos diferenciados e adaptáveis a diversas mídias” (LUZ, 2010, p. 4), do que do empenho na produção de relatos mais plurais e contextualizados dos acontecimentos com maior inventividade estética.

Nesse sentido, a produção colaborativa em vídeo, proporcionada pela convergência, ainda serve mais como ilustração de matérias produzidas pelos jornalistas do que como conteúdos e formatos que agregam outros ângulos e pontos de vista na transformação dos fatos sociais em notícias, colaborando para uma maior consciência da realidade histórica. Fica evidente, nesta análise, que as ferramentas e tecnologias digitais disponíveis não são em si suficientes para tornar as práticas jornalísticas mais diversas, e sim seus usos e apropriações.

É possível também constatar que as relações com a audiência são mais dialógicas no noticiário televisivo do que no site de informações estudados do maior grupo de mídia do país, porque os representantes das comunidades estabelecem no telejornal, de alguma forma, a função de co-workers do jornalismo (HEINONEN, 2011). Isso não significa dizer que há uma simetria entre produtores e telespectadores capaz de proporcionar discursos sociais mais reveladores de contradições da atualidade colaborando para uma maior compreensão da realidade; de fato, os telespectadores exercem um papel mais ativo, entretanto as reportagens não são plenamente polifônicas, constituídas da alteridade, da troca de experiências, de visões e sensibilidades porque seguem o padrão do jornalismo regional da emissora.

Sabemos que apesar de toda a estrutura social poder ser encarada como engrenagem de diálogos e discursos, o equilíbrio entre os dois é uma utopia (FLUSSER, 2009), no entanto, não devemos deixar de desejá-lo para o aperfeiçoamento das práticas jornalísticas. Nesse sentido, o jornalismo já começa a redesenhar formas de estabelecer interações e parcerias com vozes que estão fora da mídia, a partir das experiências das mídias sociais, as quais se configuram como um lugar de ressonância de múltiplas percepções, de luta social e de resistência, e, muitas vezes, também de entretenimento. Por conseguinte, essas vozes não podem mais ser ignoradas na elaboração das notícias porque é justamente na

busca de uma conexão maior com as audiências que o jornalismo pode se reinventar.

No que diz respeito à incorporação das contribuições dos cidadãos na produção noticiosa factual, ainda é pouco expressiva, mas pode ser realizada de formas diferentes e inovadoras. Uma possibilidade seria o desenvolvimento e a implantação de plataformas dedicadas à inclusão de conteúdos e à produção de formatos colaborativos mais expandidos e diversos, reunindo também pontos de vista distintos e depoimentos polêmicos sobre um acontecimento, sem a apresentação de uma única verdade.

Por essa razão, ainda há muito que explorar, buscando – na atitude responsiva dos usuários-telespectadores – maneiras mais interativas de construção das notícias para o jornalismo constituir-se em uma forma mais ampla de conhecimento e compreensão do mundo. Nesse processo, é importante observar, especialmente, os modos como o eu e o outro são construídos e representados nas notícias que tanto influenciam na criação de vínculos e identidades de indivíduos e grupo sociais.

Quanto ao exercício de um jornalismo audiovisual de maior qualidade, também implica no aprimoramento do ensino de jornalismo por meio de uma formação interdisciplinar. É certo que a formação dos futuros profissionais deve residir mais na apreensão dos princípios éticos do exercício do jornalismo do que no domínio das técnicas de produção e gestão de informação ou dos equipamentos e programas de captação de edição de conteúdos audiovisuais. Entretanto, as universidades precisam oferecer aos estudantes oportunidades de desenvolver produtos editoriais inventivos e de qualidade, aproveitando ao máximo o enorme potencial de comunicação das mídias digitais, o que não significa apenas oferecer um treinamento técnico dessas ferramentas, mas estimular os alunos a explorarem o potencial comunicativo das novas linguagens, de modo que possam se tornar aptos a produzir matérias para várias plataformas em múltiplos formatos (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2011; LUZ, 2010,).

Portanto, no advento de novas escrituras no ambiente digital, caracterizadas por uma maior participação da audiência, pela hibridização de linguagens e pela transmidialidade, o ensino de jornalismo deve estimular usos cada vez mais críticos e criativos dos meios audiovisuais e das tecnologias informáticas.

Notas

1. Como explica Ong (1988), as diferenças entre a oralidade e a escrita têm sido muito discutidas por especialistas nas últimas décadas. Os estudos sobre linguagem tendem a focalizar a escrita, sugerindo que os textos orais são menos complexos. Porém, se a língua falada pode existir sem a escrita, a recíproca não é verdadeira. Além disso, pensamentos e emoções também são expressos apenas através do som. Segundo Ong (1988), a escrita pode ser compreendida como uma forma de comunicação complementar à oralidade. A esse respeito, Logan (2012, p. 81) propõe que “embora a linguagem escrita seja derivada da linguagem falada, é útil considerá-las como dois modos de linguagens distintos, porque elas processam informações de modos muito diferentes”. Nos seus estudos sobre a evolução da linguagem, este autor sugere que esses diferentes modos de linguagem fornecem enquadramentos singulares para ver e compreender o mundo (LOGAN, 2012). O autor afirma ainda que, na atualidade, a linguagem corresponde à soma dos processos de comunicação com a informática e mostra que uma nova linguagem sempre emerge como resposta ao caos provocado pela saturação de informação que linguagens anteriores não conseguiram dar conta (LOGAN, 2010). Já é possível observar, inclusive, que os usos do computador, da internet e de ferramentas digitais na vida social possibilitam formas híbridas de expressão e comunicação formadas por diferentes combinações de palavras, imagens, vídeos e áudios. Essas linguagens singulares passam a coexistir em trocas de mensagens marcadas tanto pela oralidade quanto pela escrita, capazes ainda de ser compartilhadas coletivamente em ambientes onde o consumidor pode assumir a função de produtor. Por essas razões, indica-se aqui também o surgimento de uma nova fase da oralidade em curso.
2. Muitos termos têm sido usados para descrever o jornalismo participativo, também chamado de jornalismo colaborativo, jornalismo cidadão ou produsage (BRUNS, 2011). Assume-se aqui a definição de Bowman e Willis (2003), os quais definem o jornalismo participativo como um ato de um cidadão ou de um grupo de cidadãos que desempenham papel ativo no processo de coletar, reportar, analisar e disseminar informação de modo independente. Como sugere Singer (2011), essa escolha justifica-se porque a expressão jornalismo participativo envolve uma ação colaborativa e coletiva e não apenas uma ação paralela à produção jornalística dos grandes grupos de mídia.
3. A síncrese correspondia à confrontação de diferentes pontos de vista sobre um determinado objeto. Já a anácrise corresponde aos métodos pelos quais se provocavam as palavras do interlocutor, levando-o a externar a sua opinião (BAKHTIN, 2002).
4. Dados apurados por meio da Tabela de Custos Vigentes do Mercado Nacional, com base nos índices de audiência aferidos pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), sistematizados pelas agências de publicidade para os anunciantes referentes às veiculações no período de 1º de abril a 30 de

- setembro de 2012.
5. Dados disponíveis em: http://www.projetointermeios.com.br/relatorios/rel_investimento_3_0.pdf; <http://www.telaviva.com.br/Revista.aspx>. Ano 21, 224, mar. 2012, p. 12-13.
 6. Tentativas para aproveitar a participação colaborativa das audiências na construção das notícias ocorrem na prática do jornalismo “público” ou “civil” desde o final da década de 1980 e início da década de 1990. No entanto, a disponibilização de notícias nas mídias sociais quase em tempo real, a multiplicação de canais, e o desenvolvimento dos modelos colaborativos para a participação dos usuários e para a criação de conteúdos aceleraram essas mudanças (BRUNS, 2011).
 7. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/noticia/2011/11/inscreva-se-para-ser-o-parceiro-do-rj-na-rocinha.html>.
 8. Disponível em: <http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>
 9. Disponível em: (VC no G1: está no local? Envie fotos ou vídeo)
 10. Disponíveis em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/10/bombeiros-controlam-incendio-em-camelodromo-no-rio.html>; <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/10/apos-incendio-em-veiculos-faixas-da-avenida-brasil-sao-liberadas.html>
 11. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/10/corredor-brs-no-centro-do-rio-comeca-funcionar-em-dezembro.html>
 12. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/10/comeca-operar-segundo-corredor-de-onibus-em-ipanema-e-leblon.html>
 13. Disponível em: http://estaticog1.globo.com/2011/10/08/FOLHETOBRS_LeblonIpanemavalendo.pdf

REFERÊNCIAS

BAKHITIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BECKER, Beatriz. *Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais*. **Matrizes**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, v. 5, n. 2. São Paulo: ECA/USP, 2012a.

_____. *Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiro do RJ*. XXI Encontro Anual da **COMPÓS** (Associação Nacional dos Programas Pós-Graduação em Comunicação), GT Estudos de Jornalismo. Belo Horizonte: UFJF, 2012b. Disponível em: <http://www.compos.org.br/>.

_____. *Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção*.

Estudos em Jornalismo e Mídia. v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/11336>.

_____. **A linguagem do Telejornal:** um Estudo da Cobertura dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

BECKER, Beatriz; LIMA, Marcos Henrique. Ame ou Deixe o Ciberespaço. **Estudos em Jornalismo e Mídia.** Ano IV, n. 2, p. 11-23, 2007.

BECKER, Beatriz; MALDONADO, Oscar. Reconfigurações da mediação jornalística na contemporaneidade: Processos colaborativos de construção de notícias no CNN iReport & NowPublic. **Estudos de Comunicação/ Communication Studies.** v. 9, maio de 2011. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-11.pdf>.

BECKER, Beatriz; MATEUS, Lara. Pensando e fazendo webjornalismo audiovisual: a experiência do TJUFRJ. **Observatório (OBS*).** v. 5, série 1, p. 59-75, 2011. Disponível em: http://obs.obercom.pt/index.php/obs;ARTIGO3BECKER_PT_final_2.doc <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/475/415>.

_____. O Melhor Telejornal do Mundo: um exercício televisual. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Org.). **60 Anos de Telejornalismo no Brasil:** história, análise e crítica. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. Um panorama da produção jornalística audiovisual no ciberespaço: as experiências das redes colaborativas. **Revista FAMECOS.** v. 1, n. 40. Porto Alegre: 2009a. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6316>.

_____. Narrativas jornalísticas audiovisuais: um estudo dos efeitos da convergência no JN e no UOL. **Revista Galáxia.** São Paulo, n. 18, p. 232-246, 2009b. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2686/1733>.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, Gatewatching, Realimentação em Tempo Real: novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian Journalism Research.** v. 7, n. 2, 2011. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342/315>.

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. We Media: How audiences are shaping the future of news and information. **The Media Center at the American Press Institute,** Reston, 2003. Disponível em: http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

DOMINGO, David et al. **Four Dimensions of Journalistic Convergence:** A preliminary approach to current media trends at Spain, 2007. Disponível em: <http://online.journalism.utexas.edu/2007/papers/Domingo.pdf>.

JENKINS, Henry et al. **Confronting the Challenges of Participatory Culture:** Media Education for the 21st Century. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

FLUSSER, Vilém. **A escrita: Há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.

----- . **O universo das Imagens Técnicas: elogia da superficialidade**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

----- . In: Cardoso, Rafael (Org.). **O Mundo Codificado**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 90-94.

HEINONEN, Ari. The Journalist's Relationship with Users: New dimensions to conventional roles. In: SINGER, Jane B. et al (Org.). **Participatory Journalism: guarding open gates at online newspapers**. Oxford, UK: Wiley-Blackwell, 2011.

HERMIDA, Alfred. Mechanisms of Participation: How audience options shape the conversation. In: SINGER, Jane B. et al. **Participatory Journalism: guarding open gates at online newspapers**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.

LOGAN, Robert K. **O que é a informação?** A propagação da organização da biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

----- . **Understanding New Media, Extending Marshall Mc Luhan**. New York: Peter Lang Publishing, 2010.

LUZ, Andréa Aparecida da. Cenário de convergência, impactos no webjornalismo e o caso Clarín.com. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Anais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Novo Hamburgo, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-1091-1.pdf>.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais: da comunicação à educação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

ONG, Walter Jr. **Orality and Literacy, The technologizing of the world**. New York: Routledge, 1988.

PAVLIK, John V. A tecnologia Digital e o Jornalismo: as implicações para a democracia. **Brazilian Journalism Research**. v. 7, n. 2, 2011. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/340/314>.

QUANDT, Thorsten. Understanding a new Phenomenon: the significance of participatory Journalism. In: SINGER, Jane B. et al. **Participatory Journalism: guarding open gates at online newspapers**. Oxford, UK: Wiley-Blackwell, 2011.

RAMOS, Daniela Osvald. Aspectos da convergência de mídias e da produção de conteúdo multimídia no Clarín.com. **Libero**. v. 13, n. 25, São Paulo, 2010. Disponível em:

http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2010/08/02/1280783041.pdf.

SALAVERRÍA, Ramon. Online Journalism Meets The University: ideas for

teaching and research. **Brazilian Journalism Research**. v. 7, n. 2, 2011.
Disponível: Error! Hyperlink reference not valid..

SALAVERRÍA, Ramon; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol90 Media, 2009.

SINGER, Jane B. et al. **Participatory Journalism: guarding open gates at online newspapers**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.

STAM, Robert. **Bakhtin: da Teoria Literária à Cultura de Massa**. São Paulo: Ática, 1992.

SCOLARI, Carlos Alberto. Ecología de la hipertelevisión. Complejidad narrativa, simulación y trasmedialidad en la televisión contemporánea. In: SQUIRRA, Sebastião; FECHINE, Yvana (Org.). **Televisão Digital: desafios para a comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. v. 2. Florianópolis/SC: Editora Insular, 2005.

VILCHES, Lorenzo. **Manipulación de la Información Televisiva**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1995.

Beatriz Becker é doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), pós-doutora pelo Programa em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professora do PPGCOM da ECO-UFRJ e do Departamento de Expressões e Linguagens da ECO-UFRJ e bolsista de Produtividade do CNPq.
E-mail: beatrizbecker@uol.com.br

RECEBIDO EM: 15/09/2012 | ACEITO EM: 04/11/2012